

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	1
Título: ‘Mais de 500 grandes empresas terão de se reestruturar’	1
Título: Venezuela e Irã se unem para superar crise	3
Título: Broadcast de olho nas ações.....	4
VEÍCULO: O Globo	6
Título: Capacidade de estoque da Petrobras está perto do limite	6

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 25/04/2020

Seção: Economia

Autor:

Título: ‘Mais de 500 grandes empresas terão de se reestruturar’

À frente de 120 reestruturações corporativas e da renegociação de R\$ 180 bilhões em dívidas nos últimos dez anos, Ricardo Knoepfelmacher, sócio da consultoria RK Partners, calcula que ao menos 500 grandes empresas brasileiras – com faturamento anual acima de R\$ 500 milhões e dívidas de mais de R\$ 300 milhões – terão de passar por esse processo, em decorrência da crise detonada pelo novo coronavírus. Ricardo K, como é conhecido, foi responsável pela reestruturação do Grupo X, de Eike Batista, e da Odebrecht, maior recuperação judicial do País. “Não descarto que dessas 500, uma centena tenha pedidos de

recuperação judicial.” Para ele, a pandemia da covid- 19 é um evento “sem precedentes”, incomparável a crises anteriores, como a de 2008. “Temos hoje um choque de ausência de demanda. Setores inteiros da economia tiveram de parar durante meses.” A seguir, os principais trechos da entrevista.

Em meados do ano passado, o sr. avaliava que pelo menos 800 empresas médias precisariam passar por reestruturação no Brasil. Qual o cenário agora?

O cenário ficou muito mais complicado depois da pandemia da covid-19. Setores inteiros tiveram queda abrupta de faturamento e alguns nunca mais vão voltar a ser o que eram. Das 1.000 maiores empresas brasileiras, 240 foram gravemente afetadas. A situação, que antes estava muito localizada nas empresas médias, agora perpassa todas. Das pequenas, muitas vão desaparecer. As médias ficaram muito doentes e as grandes, que no geral passavam bem, foram gravemente afetadas em vários setores. Em geral, os pequenos empreendedores têm, no máximo, dois meses de caixa para sobreviver. Está havendo uma epidemia no judiciário de pedidos de liminares para o não pagamento de dívidas.

A expectativa é que essas grandes empresas precisem de reestruturação?

Mais de 500 empresas grandes, com faturamento de mais de R\$ 500 milhões por ano e dívida acima de R\$ 300 milhões, vão precisar de reestruturação. Monitoramos empresas com dívida de mais de 3 vezes em relação ao Ebitda (geração de caixa, antes de lucros, impostos, depreciação e amortização), muito alavancadas. Não descarto que, dessas 500, uma centena tenha pedidos de recuperação judicial.

Quais serão os setores mais atingidos pelo coronavírus?

Os setores mais afetados e com grandes incógnitas sobre seu futuro – e essa é uma grande diferença – são aviação, entretenimento, restaurantes, turismo e hotelaria. Com as barreiras impostas, algumas empresas aéreas tiveram 70% de queda no faturamento. Há um segundo grupo muito afetado, que são empresas de óleo e gás e usinas de açúcar e álcool. Elas sofreram um problema duplo, com a pandemia seguida da queda de preços do petróleo. Petrobrás e Raízen já estão avisando às usinas que vão parar de comprar entre 50% e 70% da produção. É um choque de demanda gravíssimo. No varejo, o aumento do faturamento com comércio eletrônico não compensa a queda nas lojas físicas. É um setor com margem muito baixa e que deve enfrentar grandes problemas. Têxtil, logística, construção e engenharia, empreendimentos imobiliários e venda de veículos também.

Vai haver espaço para reestruturação ou muita gente vai simplesmente falir?

Hoje, o pedido de recuperação judicial não funciona bem para uma empresa pequena. É um processo caro. Estamos discutindo com juristas como permitir uma recuperação judicial de empresas de pequeno porte. Muitas vão fechar. Nas médias e grandes, daqui a três meses, vamos ver uma enxurrada de pedidos de recuperação judicial.

Qual a diferença da crise provocada pelo coronavírus e de anteriores, como a de 2008?

A única analogia possível é com a crise de 1918 (gripe espanhola), que ocorreu num mundo não conectado. Nunca tivemos crise parecida. A crise do Lehman Brothers (2008) não é igual. Temos hoje um choque de ausência de demanda. Por uma decisão dos governos, setores inteiros da economia tiveram de parar durante meses. A única coisa parecida que tivemos no Brasil foi a Lava Jato no setor de infraestrutura e construção, quando as empresas perderam seu principal cliente, o governo, e tiveram de se adaptar de uma hora para outra a perder 70% a 90% de seu faturamento. A diferença agora é que nós não sabemos quando vai acabar.

A crise atual vai afetar empresas já em processo de reestruturação?

Neste momento, há pela parte dos credores, em geral, o reconhecimento de que essa é uma situação muito grave e sem precedentes. Quando os pleitos são legítimos, os credores estão abertos a negociar e, em geral, estão postergando os vencimentos das dívidas, com ou sem auxílio judicial. Haverá uma segunda etapa, na qual essas postergações vão começar a machucar os balanços dos bancos.

Como o sr. avalia as medidas de socorro às empresas tomadas pelo governo?

Apesar de ir na direção certa, o pacote (de ajuda) do governo tem dois grandes problemas. O primeiro é que países desenvolvidos, sem a iniquidade social do Brasil, liberaram na média entre 8% e 12% do PIB para soluções de diminuição da angústia econômica. Aqui, não chega a 5%. Independentemente da ideologia, o Estado tem de atuar. Aí vem o segundo problema do remédio brasileiro: o País tem hoje um governo com aspiração liberal, com dificuldade de entender como ser intervencionista numa crise.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 25/04/2020

Seção: Internacional

Autor: W.POST CARACAS

Título: Venezuela e Irã se unem para superar crise

Estrangulada pelas sanções americanas, a Venezuela está recebendo ajuda de outro país isolado pelos EUA: o Irã. Enquanto soldados guardam postos com combustível em Caracas, os iranianos começaram a enviar componentes da mistura usada na produção de gasolina. Teerã está fornecendo também trabalhadores e equipamentos para refino, segundo fontes ouvidas pela Bloomberg. A ajuda vem em um momento crítico. Enquanto o restante do mundo luta com o excesso de oferta de petróleo, que reduz o preço da energia, a Venezuela está ficando sem combustível. As sanções interromperam abruptamente suprimentos importantes e a população sofre com hiperinflação, escassez de alimentos e agora o coronavírus. A crise aproximou Venezuela e Irã, cuja economia também sofre com as sanções.

O presidente venezuelano, Nicolás Maduro, e seu colega iraniano, Hassan Rohani, reafirmaram, na semana passada, seus planos de cooperar em projetos energéticos, agrícolas e financeiros. Desde então, a iraniana Mahan Air está transportando para a Venezuela misturas de gasolina, técnicos de transporte e peças de reposição para ajudar a reparar uma das maiores refinarias do mundo, segundo funcionários da PDVSA, a estatal venezuelana do petróleo. Maduro também analisa a compra de gasolina pronta do Irã usando intermediários.

O suprimento de combustível é crucial para a Venezuela, pois seus estoques limitados de gasolina são racionados para militares e fornecedores de comida e remédios. Isso deixa a maioria pagando preços altíssimos no mercado negro para encher o tanque. “É inconcebível é que um país com as maiores reservas de petróleo do mundo precise receber ajuda humanitária do Irã”, disse Carlos Vecchio, representante da oposição venezuelana nos EUA. Segundo ele, os aliados de Maduro usam o comércio de gasolina para ganhar dinheiro e se arriscam a novas sanções.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 25/04/2020

Seção: Colunas

Autor: Wagner Gomes

Título: Broadcast de olho nas ações

Siderúrgicas e Vale ganham fôlego com alta do dólar e obras no exterior

Com a escalada do dólar e a expectativa de maior demanda por seus produtos, empresas siderúrgicas e a Vale, que têm boa parte de suas receitas ligadas à exportação, viram suas ações ganharem fôlego. Em um mês, os papéis de Gerdau e CSN chegaram a subir 15% e 22%, respectivamente. A Vale registrou movimento parecido, com alta de 16% em 30 dias. Mais voltada ao mercado

interno, a Usiminas avançou 8%. No mesmo período, a rentabilidade do Ibovespa foi de pouco mais de 8%.

Com parte dos países estimulando suas economias internas por meio de obras, os investidores enxergaram boas perspectivas para essas empresas. “Todos os países desenvolvidos estão criando investimentos em infraestrutura e a demanda por produtos de aço deve crescer um pouco mais para frente”, diz Alvaro Bandeira, sócio e economista-chefe do banco digital Modalmais. “Além disso, com o dólar valorizado no Brasil, os preços dos itens feitos no País se tornarão ainda mais atraentes.”

Segundo Bandeira, antes de investir é preciso avaliar cada uma das empresas isoladamente. O analista da Mirae Asset, Pedro Galdi, também diz que “cada caso é um caso” entre as siderúrgicas. Usiminas tem 10% de sua receita em exportação. A CSN exporta pouco aço, mas se beneficia do minério de ferro, o que irá ajudar seu resultado do primeiro trimestre.

O analista da Ativa Investimentos, Ilan Arbetman, diz que a CSN possui mais de 50% de receitas dolarizadas, o que funciona como um colchão de amortecimento. Porém, sua alta alavancagem (3,7 vezes o Ebitda), aliada ao menor índice de liquidez do setor, faz com que a empresa seja uma opção mais arriscada.

“Já a Gerdau também possui a mesma prerrogativa de maioria de receitas dolarizadas, com menor alavancagem (1,5 vez o Ebitda) e maior dependência da economia norte-americana, o que pode ser um diferencial na retomada caso o país tenha velocidade maior na recuperação”, diz.

Segundo Arbetman, a Usiminas é o fabricante mais nacional entre os concorrentes. Mas, mesmo com a relação preço/valor patrimonial atrativa, as margens siderúrgicas são comumente mais baixas e demandam mais receita, “algo que apenas uma graduação nos índices econômicos vai poder proporcionar à empresa”. Ele afirma ainda que a agência de classificação de risco Moodys colocou o setor em perspectiva negativa, tanto no Brasil como na Rússia.

Para Henrique Esteter, analista da Guide Investimentos, os papéis do setor de siderurgia sofreram muito com a disseminação da pandemia, tanto por conta da redução de demanda quanto pelo índice de alavancagem das empresas. No entanto, ele concorda que com a forte escalada recente do dólar, o setor tende a elevar os ganhos com exportações.

Na troca de carteiras, a Guide retirou a Sanepar e colocou no lugar a Centauro. Esteter diz que as companhias do setor de varejo sofreram e passaram a operar

apenas com seu canal digital. Segundo ele, aquelas que já o possuíam, funcionando de maneira eficiente, estão se destacando frente às demais. É o caso da Centauro.

Ainda em relação às mudanças, a Ativa Investimentos retirou CSN ON e Cyrela ON da lista de recomendações para colocar Vale ON e Magazine Luiza ON. Já Mycap trocou Rumo ON e Qualicorp ON por Raia Drogasil ON e Weg ON.

VEÍCULO: O Globo

Data: 25/04/2020

Seção: Economia

Autor: RAMONA ORDONEZ

Título: Capacidade de estoque da Petrobras está perto do limite

Com queda na demanda por petróleo, estatal já esta recorrendo a navios e malha de dutos para armazenar produto, segundo fontes

Com a forte queda da demanda por petróleo no Brasil e no mundo, a capacidade de armazenagem do produto pela Petrobras está perto do limite, segundo fontes do setor. A estatal já está recorrendo a navios e a sua malha de dutos para estocar a commodity.

Além disso, várias das 13 refinarias da empresa já operam com apenas 50% de sua capacidade, segundo fontes. É nas refinarias que o petróleo é transformado em gasolina, diesel e outros derivados. Com o menor consumo nos postos, a estatal tem buscado reduzir a produção dos combustíveis.

Segundo fonte próxima à companhia, a Petrobras opera no limite, em situação mais grave do que na greve dos caminhoneiros, que parou o país em maio de 2018, com tanques, navios e dutos lotados.

O limite de estocagem é um problema enfrentado no mundo todo. Com a capacidade de armazenagem se esgotando, muitos investidores preferiram pagar para ceder seus contratos de petróleo. Isso levou o barril do WTI, referência nos EUA, a ser negociado a preços negativos nesta semana pela primeira vez na História.

Segundo a consultoria internacional IHS Markit, haverá excesso de oferta da ordem de 1,8 bilhão de barris de petróleo no primeiro semestre, bem acima da capacidade de armazenamento mundial, de 1,6 bilhão de barris. Isso levará à necessidade de um novo corte na produção global.

A Petrobras tem bases de estocagem, além dos tanques existentes nas refinarias. Mas, atualmente, está guardando o petróleo também nas próprias

plataformas (do tipo FPSO) e enchendo ao máximo seus oleodutos, tanto os marítimos como os terrestres.

A redução na produção de 200 mil barris diários anunciada pela Petrobras recentemente foi justamente para não “estourar” a capacidade de armazenagem dos oleodutos que ligam a Bacia de Campos à Refinaria Duque de Caxias (Reduc), na Baixada Fluminense.

Para Lavinia Hollanda, diretora da consultoria Escopo Energia, a Petrobras deve reduzir mais a produção, pois antes da pandemia já tinha estoques altos por causa da greve de petroleiros de fevereiro:

—A Petrobras já estava bastante estocada de petróleo e derivados e, agora, com a queda maior do consumo por causa da Covid-19, os estoques aumentaram. A expectativa é que vamos ver redução ainda maior na produção, porque a utilização das refinarias vai continuar sob pressão, porque não tem demanda.

Segundo fontes do setor, a capacidade de armazenagem de petróleo no Brasil equivale a 20 a 25 dias de consumo, caso as vendas sejam zeradas.

A Petrobras não revela níveis de estoques ou de operação das refinarias por questões estratégicas. Ela explicou apenas que, em função da baixa demanda por combustíveis, “algumas refinarias estão operando em carga mínima, garantindo a operação da unidade com segurança”.

A Petrobras afirmou que não há qualquer refinaria totalmente paralisada, apenas algumas unidades dentro das refinarias. “Essas unidades serão retomadas à medida que a demanda por combustíveis aumentar, de acordo com o planejamento integrado da Petrobras” disse em nota.

A estatal tem 13 refinarias com capacidade total de processar 2,2 milhões de barris por dia de petróleo.

MME / ASCOM .